

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

MARIA EDUARDA FETT TABAJARA

**ENUNCIÇÃO E AQUISIÇÃO
A CRIANÇA NA CULTURA**

PORTO ALEGRE

2012

MARIA EDUARDA FETT TABAJARA

**ENUNCIÇÃO E AQUISIÇÃO:
A CRIANÇA NA CULTURA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
a obtenção do título de Licenciado em
Letras pela Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a CARMEM LUCI DA COSTA SILVA

PORTO ALEGRE

2012

AGRADECIMENTOS

Aos bons mestres que tive na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por compartilharem comigo o bem mais precioso de que dispõe: conhecimento. Agradeço especialmente aos professores Pedro de Moraes Garcez, Luiza Milano Surreaux e Pedro Arcanjo Briggmann, cujos ensinamentos foram um marco em minha formação.

A todos meus queridos amigos do Programa de Apoio à Graduação, por compartilharem comigo momentos fundantes de minha formação.

Às minhas colegas do Projeto de Pesquisa *A Criança na Língua: a Operação de Referência*, cujas reflexões estão sem dúvida engendradas neste trabalho, enriquecendo-o.

Às professoras que aceitaram compor a banca examinadora deste trabalho: Aline Juchem e Luiza Milano Surreaux.

Ao querido amigo Paulo Seben, por ter me recebido de coração aberto desde o início de minha formação acadêmica, quando eu ainda estava tomada pela imaturidade e incoerência. Fizeste-me acreditar em mim mesma e que se pode cultivar bondade e sabedoria na mesma medida.

À Carmem Luci, mestre, orientadora e amiga. Por tua dedicação desigual e por teres fé no que estudas, mostraste-me o caminho quando não havia mais para onde ir. É com muita emoção e esperança que digo que não há nada mais maravilhoso do que ter sua vida mudada pelo amor que outra pessoa dedica ao que faz.

Àquela que, por me amar incondicionalmente, permitiu que eu fosse o que sou e chegasse até aqui. Mãe, obrigada por me dar a vida e por acreditar nela.

Por fim, a todos aqueles que acreditaram em mim e que contribuíram para a produção deste trabalho.

A língua fornece o instrumento de um discurso no qual a personalidade do sujeito se liberta e se cria, atinge o outro e se faz reconhecer por ele.

Émile Benveniste

RESUMO

Por ser objeto de estudo tanto da Psicologia quanto da Linguística, e mesmo dentro dessas áreas ser estudada por diversos pontos de vista, a aquisição da linguagem constitui-se, basicamente, em um campo de estudo interdisciplinar. Dessa forma, o que se entende por aquisição da linguagem depende da perspectiva teórica pela qual se resolve estudá-la. Neste trabalho, recorreremos à Teoria da Enunciação de Émile Benveniste para discutir o processo de aquisição de língua vinculado à imersão da criança em uma cultura. Basicamente, ensaiamos reflexões acerca da inserção da criança na sociedade por meio do processo de aquisição da linguagem. Partimos, para isso, da suposição de que a cultura está implicada no processo de aquisição da linguagem, e de que a criança, pelo reconhecimento da língua e pela compreensão do discurso, interpreta a sociedade. Perguntamo-nos, a partir daí, como isso acontece e como a criança mostra, em seu discurso, que interpreta a sociedade e, conseqüentemente, que vai se instaurando na cultura via língua. Buscamos discutir como a dimensão cultural é constitutiva do processo de aquisição, costurando às discussões relatos curiosos sobre crianças que, ao se apropriarem da língua, mostraram uma relação com elementos culturais, constitutivos da linguagem, que as levaram a interpretar e a assimilar, a sua maneira, a sociedade em que vivem.

Palavras-chave: Enunciação. Aquisição da Linguagem. Cultura.

ABSTRACT

For being object of study of both psychology and linguistics, and even within these areas being studied by several points of view, language acquisition is, basically, in a field of interdisciplinary study. Therefore, what is meant by language acquisition depends on the theoretical perspective by which one decides to study it. In this work, we turn to the Enunciation Theory of Émile Benveniste to discuss the process of language acquisition linked to the child's immersion in a culture. Basically, we discussed about the inclusion of children in society through the process of language acquisition. We started it based on the assumption that culture is implicated in the process of language acquisition, and that the child, through the recognition of language and speech comprehension, interprets society. We investigated, thereafter, how this happens and how the child shows in his/her speech, that he/she interprets society and hence that will be inserted in the culture through language. We intended to discuss how the cultural dimension is constitutive of the acquisition process, adding to the discussions curious reports about children who, by appropriating language, showed a relationship with cultural elements, constitutive of language, which led them to interpret and assimilate, in their own way, the society in which they live.

Keywords: Enunciation. Language Acquisition. Culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUCINDO O TEMA: A CRIANÇA NA CULTURA	8
2 LINGUAGEM, SOCIEDADE E CULTURA: ENSAIANDO REFLEXÕES SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....	13
3 NA LÍNGUA, OS RUDIMENTOS DE UMA CULTURA. COMO?	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

1 INTRODUZINDO O TEMA: A CRIANÇA NA CULTURA

É a linguagem que permite ao homem pensar e agir. Pois não há ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem. É também a linguagem que permite ao homem viver em sociedade. Sem a linguagem ele não saberia como entrar em contato com os outros, como estabelecer vínculos psicológicos e sociais com esse outro que é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente. Da mesma forma, ele não saberia como constituir comunidades de indivíduos em torno de um “desejo de viver juntos”. A linguagem é um poder, talvez o primeiro poder do homem. (Patrick Charaudeau)

A maior motivação deste trabalho é minha própria vida. Aquilo que sou é resultado de como me constituí, de como me constituí em relação ao outro e, conseqüentemente, em relação ao mundo. No seio de minha família, convivendo com os *valores* que eram semeados em minha casa, fui me inserindo no pequeno mundo que era meu lar. E foi precisamente na e pela língua, visto que não há relação direta entre homem e mundo, ou entre homem e homem (BENVENISTE, 1966/2005, p. 31), que assimilei esses valores, que pude interpretar o que acontecia ao meu redor. Contudo, hoje percebo que foi ao sair desse meu pequeno mundo que a *sociedade* tornou-se significativa, que pude perceber que os princípios da coletividade com que me deparara ao intensificar meu contato com pessoas que não moravam em minha casa não se aplicavam de maneira tão acurada a minha vida. E essa percepção me trouxe à reflexão que apresento neste texto, que se condensa nas seguintes interrogações:

1) Como a criança interpreta a sociedade que a rodeia, visto que isso não é possível a não ser pela língua?

2) Como a cultura na qual a criança está imersa manifesta-se em seu discurso?

Não foram, no entanto, as lembranças de minha infância que gestaram meu interesse pela maneira como a criança adquire a língua, introduzindo-se, por conseguinte, na sociedade: foi especificamente o interesse pela *aquisição da linguagem* que me carregou ao passado, fazendo-me refletir sobre minha própria aquisição, sobre como *eu* havia

assimilado a sociedade e, conseqüentemente, sua mais alta expressão, a *cultura* pela linguagem. É importante destacar de imediato que a perspectiva de aquisição que adoto aqui não é a psicolinguística, a qual o campo Aquisição da Linguagem é comumente vinculado, mas a perspectiva enunciativa, com a qual me identifiquei de forma definitiva ao ler alguns textos de *Émile Benveniste* com os quais me deparei nos meados de minha graduação. Embora seja principalmente lembrado por suas pesquisas enunciativas e por suas reflexões acerca da intersubjetividade na linguagem, é seu diálogo com a antropologia, apresentado em suas discussões acerca da relação homem-língua, sociedade-cultura, que me move a propor a discussão que aqui apresento.

É imprescindível atribuir meu contato com o campo Aquisição da Linguagem à Carmem Luci da Costa e Silva, professora, orientadora e amiga, precursora em propor uma abordagem enunciativa para a aquisição da linguagem.¹ Foi ela quem me levou a pensar a fala da criança pela perspectiva enunciativa e a entender que o processo de aquisição de linguagem não pode ser resumido assim, como simples aquisição, visto que se trata de um processo de *instauração* pelo qual a criança passa a *habitar a língua*.

Para fazer valer este trabalho, preciso trazer, a princípio, algumas das noções mais fundamentais de Émile Benveniste, básicas para o estabelecimento da discussão que proponho neste trabalho e para o entendimento de alguns de seus conceitos mais densos, como linguagem, símbolo e cultura. A partir daí, buscarei discutir se e como a dimensão cultural é constitutiva do processo de aquisição, costurando às discussões relatos curiosos sobre crianças que, ao se apropriarem da língua, mostraram uma relação com elementos culturais que as levaram a interpretar e a assimilar, a sua maneira, a sociedade em que vivem.

Por fim, o estabelecimento da discussão que proponho seria intangível se eu não falasse, antes de qualquer coisa, sobre o que da

¹ No livro *A Criança na Linguagem: enunciação e aquisição*, resultado de sua tese de doutorado.

minha aquisição pude trazer para pensar como a criança interpreta a sociedade e como a sociedade torna-se significante na e pela língua. São lembranças que introduzem o tema deste trabalho e que resumem o forte elo que a ele me une. Eis o que convém contar.

*

* *

Eu sou eu e a minha circunstância, e se não a salvo, não salvo a mim mesmo. (José Ortega Y Gasset)

As mais antigas lembranças que tenho da infância são com meu pai. Em uma delas eu tinha cinco anos, estava comemorando meu aniversário em grande estilo e, ao sair correndo na chuva, caí com toda vontade. Fui correndo a seus braços, na esperança de que ele fosse tirar minha dor. Em outra - não me lembro exatamente de que idade tinha -, estava passeando no shopping, de mãos dadas com meus pais, e saí correndo sozinha em direção à piscina de bolinhas. Eles não viram e, quando me acharam, levei de meu pai uma bela palmada. Mas eis a lembrança que realmente interessa. Certo dia, quando tinha por volta de 2 anos e meio, 3 anos de idade², peguei minha *barbie* preferida, um macacão rosa que adorava e coloquei em uma malinha rosa de plástico. Estava decidida a ir pra casa de meu pai. Quando ele chegou, lhe disse: “Hoje vou contigo pra tua casa”. Infelizmente isso não era possível, e foi isso o que meus pais tentaram me explicar. Eles não eram casados, apenas namorados, então meu pai não estava sempre presente. Na verdade, ele tinha outra família, que não sabia de minha existência, e era isso o que realmente inviabilizava minha ida a sua casa.

Até ir para a creche (quando tinha cerca de dois anos e alguns meses) talvez eu lidasse com essa situação de uma forma natural. Talvez eu soubesse que ele tinha a casa dele, mas achasse que o fato de eu não ir

² Essas informações advêm um pouco de minha memória, um pouco do que minha mãe contou sobre o ocorrido.

para lá não era incomum. Talvez sequer imaginasse que eu poderia ir a sua casa. Provavelmente achava “natural” a forma como meus pais se relacionavam e como eu me relacionava com eles. A creche, no entanto, possibilitou que eu entrasse em contato com outras crianças e, conseqüentemente, com outras realidades. Realidades que eram diferentes da minha, mas que, aparentemente, eram “naturais” para a maioria das outras crianças. Suponho, hoje, que isso tenha me levado a questionar, por meio daquela ousada atitude, a maneira como eu estava inserida na vida de meu pai, ou, melhor, como ele estava inserido na minha.

Minha mãe conta ainda que, também por volta dos 3 anos, resolvi lhe fazer uma curiosa pergunta. Após ter me dito que era separada de meu pai, questionei-a, dizendo: “Mas o tio Lelélo também é separado da tia Kéka, e eles não se beijam”³. É um grande argumento, devo admitir, que enterrou minha mãe no silêncio. Mais uma vez, perceber o comportamento alheio me fez notar que meu mundo organizava-se de um jeito singular, diferente; ou seja, *havia, aparentemente, uma cultura “familiar”, aquela semeada em meu lar, e a cultura como expressão da sociedade.*

Algumas discussões provavelmente emergem na mente do leitor após esse relato; pelo menos algumas curiosidades. Inevitavelmente pensamos que sim, que há uma relação com a cultura implicada no processo de aquisição de linguagem. Há muito sobre o que se pensar. **Aparentemente a cultura está realmente implicada no processo de aquisição da linguagem, e a criança, pelo reconhecimento da língua e pela compreensão do discurso, interpreta a sociedade.** Pois bem, **como isso acontece? E como a criança mostra, em seu discurso, que interpreta a sociedade e, conseqüentemente, que vai se instaurando na cultura via língua?**

³ Estava falando da irmã de minha mãe e de seu ex-marido.

Vale lembrar neste momento uma célebre proposição de Ferdinand de Saussure, “[...] é ponto de vista que cria o objeto” (1916, p. 15). Já esses questionamentos foram elaborados pela perspectiva da Teoria da Enunciação, mais precisamente pela perspectiva de Émile Benveniste, como havíamos comentado. Antes de imergir neles, portanto, preciso falar um pouco sobre como entrei em contato com a perspectiva enunciativa de Benveniste e por que sua concepção de que língua e sociedade não se concebem uma sem a outra me permitiu chegar até aqui e resgatar rudimentos da história de minha infância que evocam parte das mudanças que foram se constituindo na relação com os outros de meu convívio, com a sociedade e com a cultura - mudanças que deixaram suas “marcas” em meu discurso.

2 LINGUAGEM, SOCIEDADE E CULTURA:

ENSAIANDO REFLEXÕES SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Em réalité, le problème du sens est le problème de la langue même, et comme la langue m'apparaît comme un paysage mouvant (elle est le lieu de transformations) et qu'elle se compose d'éléments différents (verbs, noms, etc.), le sens se ramène à rechercher la manière de signifier propre à chacun des éléments em question.
(Émile Benveniste)

Foi em 2009, ao fazer a disciplina Estudo do Texto, que finalmente me deparei com uma teoria que entende a *linguagem como uma faculdade de simbolizar* que possibilita que o locutor constitua-se, via linguagem, como sujeito. Dessa forma, entrar em contato com as reflexões de Émile Benveniste desconstruiu e renovou concepções arraigadas em mim, de modo a restaurar minha fé em minha formação.

Foi, em primeiro lugar, a concepção de que a função da língua⁴ não é meramente instrumental - como se o locutor embalasse, como a um presente, suas palavras e as entregasse prontas ao alocutário - que caiu por terra. Em um de seus textos mais conhecidos, *Da subjetividade na linguagem*, Émile Benveniste postula que tomar a linguagem como instrumento de comunicação é desenraizá-la de sua natureza, já que, diferentemente de coisas que de fato são instrumentos, como a flecha e roda, por exemplo, *a linguagem não foi fabricada pelo homem, mas é intrínseca a ele*. Para sanar qualquer questionamento:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, 1966/2005, p. 285)

⁴ Na obra de Benveniste, a oscilação de termos "língua" e "linguagem" para conceitos ora semelhantes, ora diferentes dificulta a distinção entre os termos. Da reflexão do autor, derivamos para este estudo que *linguagem* é a faculdade simbólica por excelência do homem que lhe possibilita constituir língua, termo que estamos considerando como sistema articulado em níveis e unidades, por meio da relação forma/sentido.

Comunicar, assim, seria apenas uma propriedade da linguagem – visto que os homens não encontraram um meio mais eficaz para se comunicar –, e com certeza não a mais importante. A comunicação seria, por esse ponto de vista, uma consequência de colocar a língua em ação, ou seja, uma consequência do discurso, jamais o caráter primordial da linguagem, que é outro bem diferente: *significar*, e esse ponto é fundamental em nosso trabalho. Para Benveniste

Todos os caracteres da linguagem, a sua natureza imaterial, o seu funcionamento simbólico, a sua organização articulada, o fato de que tem um *conteúdo*, já são suficientes para tornar suspeita essa assimilação a um instrumento, que tende a dissociar do homem a propriedade da linguagem. (BENVENISTE, 1966/2005, p. 285)

E como diz no texto *A forma e o sentido na linguagem*, “antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*” (1974/2006, p. 222), e daí nos parece no mínimo estranho que não se resista a caracterizá-la como um instrumento.

O que pôde ter parecido evidente para alguns leitores e duvidoso para outros deve, agora, servir de reflexão. Pensemos um pouquinho sobre o processo de aquisição da linguagem: para alguém que nunca o tenha problematizado, pode parecer mais trivial do que realmente é, pode parecer que a criança simplesmente repete as palavras que seus interlocutores lhe dizem, passando da condição de não falante para falante. É de suma importância que, desde já, esclareçamos nossa total descrença de que o processo de aquisição de língua possa ser tão prosaico⁵. Tomemos, a título de exemplo, o seguinte exemplo de Benveniste:

Quando a criança conseguir dizer uma vez: “a sopa está muito quente” ele saberá dizer: “a sopa não está quente o suficiente”, ou ainda “o leite está muito quente”. Ela conseguirá construir assim frases em que utilizará, em parte, estruturas dadas mas renovando-as, preenchendo-as de objetos novos e assim por diante. (BENVENISTE, 1974/2006, p. 19)

⁵ Silva (2009a), ao propor uma abordagem enunciativa para explicar a aquisição da linguagem, defende que a criança se instaura na linguagem justamente porque constitui língua e pela língua é constituída por estar imersa na linguagem com o outro.

Ou seja, não são frases estanques que adquire, mas a *estrutura*, mesma, do sistema da língua. Já podemos, então, entender melhor o porquê de a aquisição não se tratar de um simples processo de aprendizagem, em que a língua é diretamente ensinada pelos pais ou seus interlocutores próximos e reproduzida pela criança. Mas afirmar isso certamente nos leva a perguntar: *o que, então, é comunicado à criança? Se não se trata exatamente de transmissão de língua, o que garante que a criança adquira a língua?*⁶

Desse raciocínio inicial decorre que, se a linguagem é intrínseca ao homem, é condição para sua existência. Há certamente que se explicar isso melhor, e esperamos que a leitura de todo este ensaio elucidie essa conclusão. Por agora, fixemos desta forma: a linguagem é condição para existência do homem, e como tal é sempre referida ao outro. Daí chegamos à outra concepção, chave nos estudos enunciativos⁷ de Benveniste, a de *intersubjetividade*, indissociável do conceito de *subjetividade*. Nas palavras do autor, subjetividade “é a capacidade do locutor de se propor como ‘sujeito’” (BENVENISTE, 1966/2005, p. 286). Ora, é certamente em relação ao outro que pode constituir-se com sujeito, já que toda locução implica uma alocação⁸: dizendo *eu* estou dizendo *tu*, pois dizer *eu* implica outra pessoa. Se a pessoa que fala é *eu*, deve haver um *tu*, o alocutário. Lembremo-nos, é um homem falando com outro que encontramos no mundo. Se falamos, mobilizamos a língua, é para agir no mundo, para instigar, suscitar uma resposta, mostrar nossa certeza ou incerteza *a outro*. Falar, entretanto, implica falar sobre algo, o que nos traz a noção de *referência*:

⁶ Propositadamente não aprofundaremos essa discussão agora, mas a seguir, ao tratarmos dos modos de significação semiótico e semântico. O leitor também perceberá que essa discussão está relacionada à dos níveis de análise, que também realizaremos mais adiante.

⁷ As questões relacionadas à enunciação serão mais bem delineadas na sequência deste estudo. No momento, estamos pensando a intersubjetividade e a referência como relacionadas à problemática dos pronomes eu-tu-ele.

⁸ Não nos convém aqui levantar questionamentos sobre essa propriedade no monólogo ou em outros tipos de diálogos, mas o leitor que se interessar poderá buscar mais informações sobre isso no texto *A natureza dos pronomes*, também de Benveniste.

[...] na enunciação a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e para o outro, de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação. (BENVENISTE, 1974/2006, p. 84)

Na noção de referência repousa a conhecida distinção que Benveniste faz entre *eu-tu* e *ele*, afirmando que *ele* não remete à pessoa alguma, por se referir a um objeto que está fora da alocação, enquanto *eu-tu* são internos a ela, pois comportam seus sujeitos, ou seja, não remetem nem a um conceito estanque nem a um único indivíduo, já que são atualizados a cada enunciação (BENVENISTE, 1966/2005):

Nas duas primeiras pessoas, há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa. *Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o “eu”: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, “tu” é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do “eu”; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como um predicado de “tu”. Da terceira pessoa, porém, um predicado é bem enunciado somente fora do “eu-tu”; essa forma é assim exceptuada da relação pela qual “eu” e “tu” se especificam. Daí, ser questionável a legitimidade dessa forma como “pessoa”. (BENVENISTE, 1966/2005, p. 250)

Ou seja, apenas *eu-tu* carregam a noção de pessoa, que falta a *ele*, que seria então a língua: “[...] a “terceira pessoa” é a única pela qual uma coisa é predicada verbalmente” (BENVENISTE, 1966/2005, p. 253). Assim, emerge o que Benveniste chama de “duplo funcionamento do discurso” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 101), o intersubjetivo e o referencial:

[...] é a distinção indispensável, sempre presente em não importa qual língua, em não importa qual sociedade ou época, entre o eu e o não-eu, operada por índices especiais que são constantes na língua e que só servem a este uso, as formas chamadas em gramática de pronomes, que realizam uma dupla oposição, a oposição do “eu” ao “tu” e a oposição do sistema “eu/tu” a “ele”. (BENVENISTE, 1974/2006, p. 101)

Essa segunda oposição, de acordo com o autor, “fundamenta a possibilidade do discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é alocação” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 101), e nela, então, fundamenta-se o duplo funcionamento do discurso, intersubjetivo e referencial - a possibilidade de *eu* falar com *tu*, falando sobre algo, sobre o mundo.

Silva (2009b, p. 31) desloca a noção de intersubjetividade benvenistiana para pensar o processo de aquisição de linguagem organizando-a em “instâncias de intersubjetividade” constitutivas dos sujeitos envolvidos no ato de enunciação:

[...] uma relação *homem/homem* imersos na cultura, na qual considero a presença de uma *intersubjetividade cultural*; uma relação *locutor/alocutário*, na qual, segundo meu ponto de vista, aparece uma *intersubjetividade da alocação ou dialógica* e uma relação *eu-tu expressa* pelas formas de pessoa no discurso, constituindo o que nomeio de *intersubjetividade lingüístico-enunciativa*. (SILVA, 2009b, 31)

Com isso, defende que

[...] o *sujeito da aquisição da linguagem* é, ao mesmo tempo, *cultural*, porque imerso na cultura, da *alocação* ou *dialógico*, porque constitui e é constituído na esfera do diálogo e é *lingüístico-enunciativo*, porque é um sujeito produtor de referências e de sentido *pelo/no* discurso. (Silva, 2009a, p. 165)

A criança, portanto, adquire a linguagem porque há outros (imersos na cultura) falando com ela, chamando-a a se enunciar, atribuindo significado aos sons, gestos e olhares que lhes dirige antes mesmo que ela possa vocalizar uma palavra, propriamente dita:

Ela aprende as coisas pelo seu nome; descobre que tudo tem um nome e que aprender os nomes lhe dá a disposição das coisas. Mas descobre também que ela mesma tem um nome e que por meio dele se comunica com os que a cercam. Assim desperta nela a consciência do meio social onde está mergulhada e que moldará pouco a pouco o seu espírito por intermédio da linguagem. (BENVENISTE, 1966/2005, p. 31)

É, portanto, em relação ao outro que a aquisição da língua acontece, o que acentua o fato de que cada criança adquire sua língua de um modo único, singular, visto que vive em um contexto único, convivendo com seus interlocutores, que, como sujeitos, se marcam de modo único, e assim o processo de aquisição lhe insere aos poucos no meio social em que está imersa. Freme, daí, que é bastante arriscado, pela perspectiva que abordamos, desconsiderar o vínculo entre linguagem e subjetividade.

Para conceber a linguagem não como instrumento de comunicação, mas como lugar de constituição dos sujeitos, será aprofundada no

contexto de nossa reflexão outra noção cara à problematização proposta por Benveniste: a de *enunciação*. Negamos que relacionar a linguagem a instrumento de comunicação fosse adequado para os rumos de nosso trabalho, mas para que isso não fique em suspensão, devemos entender melhor o que é, exatamente, pela perspectiva de Benveniste (e, conseqüentemente, pela nossa) enunciar-se.

A enunciação de que fala o autor (1974/2006) é o colocar a língua em funcionamento por um *ato* individual de utilização, em um quadro enunciativo que inevitavelmente é configurado por marcas intersubjetivas - *eu* e *tu*.⁹ A cada nova enunciação, o locutor mobiliza a língua por sua conta, e é sua relação com a língua que determina o que é dito nessa enunciação. Nas palavras do linguista (1974/2006, p. 83), antes da enunciação, “a língua não é senão possibilidade da língua”. Se a cada nova enunciação o locutor mobiliza a língua, mobiliza de uma forma diferente, portanto *cada dizer é único, irrepetível* e implica necessariamente uma *atualização*.

Essa concepção implica a noção de contexto, ou, segundo o autor, de *instância de discurso*, que acabou por destruir em mim a ideia, inculcada pelos professores de língua portuguesa que tive na escola, de que “saber português” supõe ler exaustivamente o dicionário e decorar a gramática. Essa ideia estava estritamente relacionada à de uma linguagem como objeto fora sujeito, que também sucumbiu, pois eu passava a enxergar que a linguagem era constitutiva do sujeito.

Talvez seja no conceito de *forma vazia* que possamos enxergar melhor a importância da noção de instância de discurso. É no *aqui-agora* da enunciação que certos signos são “promovidos à existência”, visto que, fora dela, são formas vazias, não remetem a conceitos estanques. O leitor

⁹ Novamente vem à tona a noção de que o outro está implicado. Ao longo deste trabalho, veremos que a mesma noção está implicada em outra, ou até mesmo em outras, visto que se complementam, e essa é uma das características dos textos de Benveniste que respingou em nosso. Sempre que necessário, elucidaremos as intersecções. Outras que não foram elucidadas, no entanto, poderão saltar aos olhos do leitor, e contamos justamente com essa fruição para que o ato de leitura seja tão pleno e subjetivo quanto possível.

que ainda não tinha entrado em contato com os textos de Benveniste deve ter ficado agora no mínimo curioso. Da forma mais singela possível, podemos dizer que existem palavras que a cada enunciação designam algo novo, porque cada nova enunciação é produzida em uma situação diferente, que jamais se repetirá. A fim de esclarecer isso melhor, voltemos à definição de enunciação de Benveniste, relacionada, agora, com o que queremos explicar

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Este situação vai se manifestar por um jogo de *formas específicas* cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação. (BENVENISTE, 1974/2006, p. 84) (grifos nossos)

Pois essas formas específicas são precisamente as formas vazias de que falávamos. São indicadores (de pessoa, tempo, espaço, etc.) desprovidos de referência material, visto que remetem sempre e unicamente à enunciação. Pensemos da seguinte maneira. Quem é *eu*? O que essa palavra significa? *Eu* é única e simplesmente a pessoa que profere a enunciação, e *tu* é seu alocutário. Nas palavras de Benveniste, “*Eu* significa ‘a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*’” (1966/2005, p. 278), e é presente porque coincide com o momento da enunciação. O presente, portanto, longe de seu estatuto gramatical

é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torna-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. (BENVENISTE, 1974/2006, p. 85)

Ainda os *advérbios* se incluem nessa discussão. O que é *hoje* senão o dia em que *eu* diz *hoje*? O que é *amanhã* senão o dia após o dia em que eu diz *amanhã*? O que é *aqui* senão o lugar onde quem diz *aqui* se encontra? Mas uma reflexão mais atenta deve ter em conta que, de fato, a todos os signos antes da sintagmatização em palavras apresentam um “vazio” de sentido, visto que

[...] a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo. (BENVENISTE, 1974/2006, p. 234)

Conscientes de que as palavras renascem a cada nova enunciação, percebemos que a linguagem é uma faculdade que permite ao homem *criar*, o que nos leva a descartar a crença de que nos servimos da palavra especialmente para comunicar. Como dissemos anteriormente, “antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*” (1974/2006, p. 222). Para *viver*, nesse sentido, a criança precisa, portanto, da língua, que lhe permitirá criar e recriar sua realidade, o que aos poucos lhe imergirá na cultura e na sociedade.

Abracemos de uma vez por todas a ideia de que a linguagem, já que agimos por meio dela, é *poder* - um poder que não se resume à finalidade de apenas aprender novos significados ou um amontoado de regras gramaticais. A linguagem é um poder porque representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a *faculdade de simbolizar*.

A noção de que a linguagem é uma faculdade de simbolizar implica inúmeras outras noções, que devem ser explicadas em detalhe e correlacionadas para que possamos compreender a dimensão de sua importância. É desse simbolizar que trataremos a seguir, visto que sua compreensão é fundamental para que possamos sustentar as reflexões propostas neste trabalho.

*

* *

O homem sentiu sempre - e os poetas freqüentemente cantaram - o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu. (Émile Benveniste)

Em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da lingüística*, Benveniste pergunta-se qual é a fonte do poder misterioso que reside na língua, por

que indivíduo e sociedade, juntos e pela mesma necessidade, se fundam na língua (BENVENISTE, 1966/2005, p. 27). Começamos, então, propondo algumas questões que nos levarão ao debate de um ponto-chave para nossas discussões: o que, pela perspectiva enunciativa benvenistiana, faz da linguagem um *poder*.

No texto *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, Benveniste afirma que a linguagem reproduz a realidade, ou seja, que a realidade é produzida de novo pela linguagem, mas a submetendo a sua própria organização, visto que não podemos esquecer de que toda língua forma um *sistema*, com certos princípios estruturais organizados em níveis (morfológico, fonológico, sintático, etc.). E assola-nos, desde já, a discussão em torno da *forma* e do *sentido* na linguagem:

Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua. As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e na das funções que a elas correspondem [...]. (BENVENISTE, 1966/2005, p. 135)

O sentido de que trata Benveniste aqui diz respeito às unidades (fonema, morfema, etc.) dos níveis: seria uma condição para que as unidades atinjam *status* linguístico, para que sejam capazes de constituir o nível e integrar um nível superior. Tomemos a seguinte explicação de Benveniste

Um signo é materialmente função dos seus elementos constitutivos, mas o único meio de definir esses elementos como constitutivos consiste em identificá-los no interior de uma unidade determinada onde preenchem uma função *integrativa*. (BENVENISTE, 1966/2005, p.133)

De acordo com o autor, a língua é um sistema em que nada significa em si ou por vocação natural, mas em função do conjunto, em que a estrutura confere às partes sua significação ou sua função (1966/2005):

Isso é também o que permite a comunicação indefinida: com a língua é organizada sistematicamente e funciona segundo as regras de um código, aquele que fala pode, a partir de um pequeníssimo número de elementos de base, constituir signos, depois grupos de signos e finalmente uma variedade indefinida de enunciados, todos identificáveis por aquele que os percebe pois o

mesmo sistema está estabelecido nele. (BENVENISTE, 1966/2005, p. 24)

E conclui esclarecendo como toma forma e sentido nos entremeios do funcionamento da língua

A *forma* de uma unidade lingüística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior.

O *sentido* de uma unidade lingüística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior.

Forma e sentido aparecem assim como propriedades conjuntas, dadas necessária e simultaneamente, inseparáveis no funcionamento da língua. (BENVENISTE, 1966/2005, p. 135,136)

Segundo Flores (2011), tratando-se do elemento que tem a propriedade de constituir e integrar, leva-se em conta o *ter sentido*; se perguntamos *qual é o sentido*, estamos pensando a língua em sua relação com o mundo, e, assim, já estamos no plano do discurso, do modo semântico. É deste sentido que falaremos mais adiante, dada sua importância para pensarmos o processo de aquisição de língua e conseqüentemente de inserção da criança na cultura que a rodeia. É importante, porém, destacar que saber *qual é o sentido* do elemento pressupõe que ele *tenha sentido*, portanto a segunda acepção de sentido pressupõe a primeira.

Dessa forma, a forma lingüística possibilita que a linguagem exerça sua função. Mas qual seria, devemos nos perguntar, a *função da linguagem*?

As formas da língua, ao serem apropriadas pelo sujeito, possibilitam-no recriar acontecimentos vinculando-os à maneira como os experienciou.¹⁰ É por meio desse discurso que atinge o outro, o alocutário, que pode, por sua vez, recriar a realidade. O ato de enunciação, portanto, pressupõe o outro. Como já havíamos comentado, é assim no processo de aquisição da linguagem: a criança está mergulhada na linguagem por estar rodeada por outros, que dialogam com ela por meio da língua. A criança, então, aos poucos vai se constituindo, por intermédio da

¹⁰ É interessante voltar, neste momento, ao conceito de subjetividade, discutido anteriormente neste trabalho.

linguagem, em relação ao outro. *A língua, portanto, é herdada pela criança, e por meio dela herda também a sociedade, os valores culturais em que está imersa.*¹¹ Podemos entender, então, que a suposta dicotomia indivíduo e sociedade não é, na verdade, uma dicotomia, e que esses não são termos contraditórios, mas complementares, visto que é na e pela língua que indivíduo e sociedade determinam um ao outro. De acordo com Benveniste (1966/2005), a sociedade não é possível a não ser pela língua, e podemos dizer o mesmo do indivíduo. Nas palavras do autor “O despertar da consciência na criança coincide sempre com a aprendizagem da linguagem que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade” (1966/2005, p. 27).

Cabe agora lembrar o leitor do que suscitou os curiosos questionamentos - citados anteriormente neste texto - que fiz a meus pais, por meio da palavra, quando criança. Aparentemente acostumada com a realidade de minha casa, fui surpreendida pelo outro, que, por intermédio da linguagem, representou sua realidade, fazendo com que eu acabasse por recriar a minha. O contato com os valores e costumes sociais, que foram, em certa medida, mascarados por meus pais, inevitavelmente me fizeram enxergar minha vida de outra forma, e tudo isso se deu por meio dela, da língua. E é isso que nos permite falar em língua como poder. *Poder porque é nela que sociedade e indivíduo têm fincadas suas raízes mais profundas; porque ela representa a mais alta forma de uma faculdade que é intrínseca ao homem: a faculdade de simbolizar.* Essa faculdade assegura o caráter primordial da linguagem, *significar*, e a função essencial - no sentido de que se trata de sua própria essência - da linguagem: *viver*. Eu diria que não é possível sequer sobreviver sem linguagem. Exemplos de indivíduos que, já tendo adquirido uma língua, foram privados de se apropriar da palavra para agir no mundo mostram que não dispor do aspecto vocal para oralizar causa, pelo menos, uma dolorosa sensação de impotência e aprisionamento.¹²

¹¹ Este ponto será devidamente retomado mais adiante.

¹² Um exemplo bem conhecido deste caso é o de Jean-Dominique Bauby, editor de uma conhecida revista francesa que, após ter sofrido um acidente vascular cerebral, perdeu

Como bem observa Benveniste, se não houvesse linguagem, não haveria possibilidade de sociedade, não haveria sequer a possibilidade de humanidade, e isso porque ela é a atividade significante por excelência (1974/2006).

Não posso, portanto, tratar da aquisição da linguagem sem tratar disto: da condição de simbolizar que é própria da linguagem e, como tal, da língua. Este poder, chamemos como quisermos, é exclusivo do homem: representar a realidade por meio da palavra e compreender a palavra como uma representação da realidade. É precisamente da *dupla significância da língua*, proposta por Benveniste em *Semiologia da língua*, de que se fala aqui: o reconhecimento do signo (semiótico) e da compreensão da palavra, em discurso (semântico). O primeiro trata-se de *reconhecer* a identidade do signo,

Tomado nele mesmo, o signo é puramente idêntico a si mesmo, pura alteridade em relação a qualquer outro, base significante da língua, material necessário da enunciação. Existe quando é reconhecido como significante pelo conjunto dos membros da comunidade lingüística, e evoca para cada um, a grosso modo, as mesmas associações e as mesmas oposições. (BENVENISTE, 1974/2006, p. 65)

o segundo de perceber/*compreender* a significação de uma nova enunciação:

A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens. (BENVENISTE, 1974/2006, p. 229)

É o domínio desses dois modos, e devemos estabelecer de imediato essa reflexão para fins de validade deste trabalho,¹³ *que garante a*

todos os movimentos, dispondo apenas do piscar da pálpebra esquerda para poder se expressar. Sua história pode ser vista no filme *O Escafandro e a Borboleta*, inspirado no livro que escreveu, após seu acidente, com a ajuda de uma fonoaudióloga.

¹³ Visto que não podemos falar do simbolizar próprio da linguagem sem falar do que assegura essa função.

*aquisição de linguagem pela criança.*¹⁴ A existência dessas duas dimensões é inclusive o que permite que a língua seja um sistema que interprete outros sistemas, como a sociedade, que é nosso foco aqui. Como o autor dirá em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, pode-se falar em metalinguística; jamais em metassociedade. Isso porque o sistema da língua interpreta o social, mas o sistema social não pode interpretar o sistema da língua. Assim, a língua é o *sistema interpretante*, e a sociedade o *interpretado*. Deixemos que Benveniste esclareça isso melhor:

[...] se pode isolar a língua, estudá-la e descrevê-la por ela mesma sem se referir ao seu emprego na sociedade e sem se referir a suas relações com as normas e as representações sociais que formam a cultura. Em contrapartida, é impossível descrever a sociedade, descrever a cultura, fora de suas expressões lingüísticas. (BENVENISTE, 1974/2006, 98)

Mas por que, exatamente, a língua é um sistema que descreve a si mesmo e a outros? O é na justa medida em que é um sistema no qual a significação se articula em duas dimensões – semiótico/semântico. “Os outros sistemas”, afirma Benveniste, “têm uma significância unidimensional” (1974/2006, p. 66).

Tendo refletido um pouco sobre o que da linguagem a permite ser a faculdade de simbolizar que é e sobre o que a caracteriza como um poder de uma grandeza desigual, voltemo-nos à seguinte questão: o que é exatamente isto, simbolizar?

Para explicar o simbolizar, Benveniste, em *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da lingüística*, responde primeiro à questão “o que é empregar um símbolo”, afirmando que empregar um símbolo implica reter a estrutura de um objeto e saber identificá-lo dentre outros, capacidade que distinguiria o homem dos demais animais, que só sabem reconhecer sinais. Só o homem tem a habilidade abstracionista de associar um conceito a um objeto concreto sem que haja qualquer relação natural entre eles. Segundo o autor, essa habilidade desperta muito cedo

¹⁴ Se a significação se articula em duas dimensões, essas duas dimensões são necessárias para significar (que, como vimos, é o caráter primordial da linguagem).

na criança, antes de ela adquirir efetivamente a linguagem, e está ligada a sua tomada de consciência. Podemos concluir que essa seria, portanto, outra condição para a concretização¹⁵ da aquisição pela criança, e destacamos o termo concretização, já que, conforme afirma o próprio autor, a “aquisição da língua é uma experiência que vai a par com a formação do símbolo e a construção do objeto” (1974/2006, p. 31).

Segundo Benveniste, “O símbolo linguístico é *mediatizante*” (1966/2005, p. 30). Entendemos, então, que o símbolo linguístico difunde, propaga. Essa difusão cai longe do conceito de transmissão, e devemos de imediato esclarecer isso para escapar da gafe. O símbolo permite que um sujeito tenha acesso à experiência de outro, e isso, é claro, por meio de uma determinada língua, particular a certa sociedade. Porque o signo não tem relação natural com o que simboliza, é preciso que, para que um sujeito tenha acesso à experiência de outro, seja desde cedo nele inculcados os símbolos particulares à sociedade em que vive. Do contrário, não estaria apto a assimilar a cultura em que está imerso, que tem instituídos seus próprios símbolos. Segundo Benveniste,

[...] há entre a linguagem e os ditos sistemas semióticos uma *relação de engendramento*, atualizada numa *relação de denominação*. Esta é também a relação entre língua e sociedade. (BENVENISTE, 2012, p. 78)¹⁶

Caímos, então, numa reflexão benvenistiana citada logo na primeira página deste trabalho: não há relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre homem e homem. Há um intermediário, o aparato simbólico, que torna possível o estabelecimento

¹⁵ Não nos deteremos em levantar questionamentos acerca do quando se pode considerar a aquisição “concretizada” pela criança, visto que acreditamos que o processo é indiscutivelmente singular, ou seja, varia de criança para criança; pensar o contrário seria ignorar a noção de subjetividade. Para esclarecer qualquer mal-entendido, recorreremos às palavras de Benveniste: “[...] todo o homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida. E todos os homens inventam sua própria língua a cada instante e cada um de uma maneira distinta, e a cada vez de uma maneira nova” (1974/2006, p. 18). Portanto, acreditamos que há sim uma fase evidente de aquisição radical da linguagem, mas também que continuamos imersos nesse processo durante toda nossa vida.

¹⁶ Tradução livre do trecho “Donc nous posons entre le langage et lesdits systèmes sémiotiques une relation *d’engendrement*, actualisé dans une *relation de dénomination*. C’est aussi le rapport langue-société”.

da sociedade. Esse raciocínio é muito bem engendrado por Benveniste, no seguinte trecho do texto *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*:

Estabelecendo o homem na sua relação com a natureza ou na sua relação com o homem, pelo intermédio da linguagem, estabelecemos a sociedade. Isso não é coincidência histórica, mas encadeamento necessário. De fato, a linguagem se realiza sempre dentro de uma língua, de uma estrutura linguística definida e particular. Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Uma e outra são dadas. Mas também uma e outras são aprendidas pelo ser humano, que não lhes possui o conhecimento inato. A criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens. São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra. A aquisição da língua é uma experiência que vai a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do objeto. (BENVENISTE, 1966/2005, p. 31)

Organizemos melhor algumas conclusões recém-obtidas:

a) **a capacidade representativa do simbolizar desperta cedo na criança, e**

b) **não nos parece que poderia concretizar sua aquisição da linguagem sem tê-la, já que é isto propriamente a linguagem: a faculdade simbolizante;**

c) **a aquisição é possível quando a criança relaciona os modos semiótico e semântico, ou seja, quando reconhece a identidade do signo e compreende sua atualização em palavra, no discurso;**

d) **a criança interpreta, pelo sistema linguístico, demais sistemas, especial e inevitavelmente o sistema social, a sociedade, visto que, em seu discurso, carrega os valores culturais da sociedade que lhe foram inculcados, via língua-discurso, por seus pais ou interlocutores próximos.**

Feita essa retomada, emerge neste momento uma lembrança valiosa que buscarei associar às dimensões semiótica e semântica propostas por Benveniste. João¹⁷, criança com a qual tive contato de seus

¹⁷ Os nomes dos informantes mencionados neste trabalho foram substituídos por nomes fictícios no intuito de preservar suas identidades.

2,1 até seus 3,10 anos, começou, por volta dos três anos, a dar desculpas curiosas, para não dizer esfarrapadas, pelas suas travessuras. Tinha mania, por exemplo, de não querer guardar seus brinquedos após ter brincado exaustivamente, culpando sua má vontade a uma suposta dor de cabeça. Também costumava dizer, com frequência, que não queria ir a tal lugar por estar “mutu cāsadu”. Até aqui, nada de surpreendente: a criança assimilou que dizer que está com dor de cabeça ou que está cansado é um argumento para convencer o outro de que não pode ou não quer fazer algo a que está sendo solicitada. Se ela estava ou não realmente cansada ou com dor de cabeça em situações desse tipo é difícil de saber. No entanto, certas instâncias em que produzia tal discurso causavam estranhamento e, por vezes, risadas ou brabeza nos interlocutores de seu convívio. João, por exemplo, recusava-se veementemente, apesar da insistência de seu pai, a dar “oi” à avó paterna e a algumas outras pessoas, *à la volonté*, de modo que o único padrão que se observava era que ele costumava negar seu “oi” mais a pessoas que não conhecia, ou que pouco via, ou a pessoas que lhe cumprimentavam de forma muito eufórica, o que provavelmente lhe assustava. De qualquer forma, é certo que era, na época, mais introspectivo que outras crianças da mesma idade. Pois bem, após seu pai insistir e insistir mais um pouco para que ele desse o tal do “oi”, ele soltava um “tô cu dô di cabeça”. Ora, é socialmente aceito que alguém não se exponha ao sol e a sons altos, não faça exercícios físicos, não leia, etc., por estar com dor de cabeça ou cansado, assim como é evidente que ninguém deixa de cumprimentar quem quer que seja por estar com dor de cabeça ou cansado. Esse comportamento seria considerado, pelo menos pela maioria das pessoas,¹⁸ estranho e/ou inadequado, podendo facilmente ser taxado como falta de educação, ou como um comportamento responsivo a alguma atitude repudiada. Dito isso, podemos entender que a inadequação a um contexto natural invalida, de certa forma, a argumentação de João.

¹⁸ Devo avisar o leitor de que me refiro a valores culturais particulares à cultura em que fui criada. Talvez até poderia se falar em cultura brasileira, dependendo das circunstâncias, mas não arriscarei aqui homogeneizar a cultura de uma país inteiro, independentemente de ser ou não o meu país.

Sabendo de que se trata de uma criança em fase de aquisição, parece-nos simplesmente que ela adquiriu os signos envolvidos, sabe reconhecê-los e compreender seu uso como palavra, em instâncias de discurso, mas que ainda não assimilou a cultura em que está inserido de forma a fazer uso desses signos de modo que não cause estranhamento em seu interlocutor. Claro que não se trata de dizer que a criança teria assimilado apenas o modo de significação semiótico, deixando de lado o semântico, já que ambos dependem um do outro para que a língua se constitua da maneira como é empregada. Estamos apenas deslocando, não transgredindo, a reflexão benvenistiana acerca dos dois modos de significação da língua para dizer: há a possibilidade de que a criança tenha reconhecido e compreendido os signos em questão, mas não domine totalmente seu uso em instâncias de discursos diversificadas na sociedade em que vive. Devemos, ainda, abrir um parêntese, destacando que a análise que acabamos de fazer é apenas uma dentre várias possíveis. Podemos, por exemplo, ainda considerar que o uso que João fez das frases citadas tinha simplesmente o sentido de “não estou a fim de te dar oi”, e que ele inclusive usava as frases que usava por entender que dizer explicitamente que não queria dar oi seria muito ofensivo.

Parece-nos que há, dessa forma, espaço para falarmos em *primazia da sociedade e da cultura no domínio semântico*, e que devemos tratá-las como constitutivas do sujeito em seu exercício de linguagem. Decorre disso que a criança se instaura na linguagem com o conjunto de “dados culturais” que simbolicamente carrega.

3 NA LÍNGUA, OS RUDIMENTOS DE UMA CULTURA. COMO?

[...] a linguagem é também um fato humano; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação. (Émile Benveniste)

Lembremo-nos, então, da seguinte questão, proposta anteriormente neste trabalho: **como a criança, pelo reconhecimento da língua e pela compreensão do discurso, interpreta a sociedade?**

Tendo agora, pela discussão que até aqui estabelecemos, subsídios para entender o propósito dessa pergunta e respondê-la, é chegada a hora de pensarmos mais sobre **como a criança mostra, em seu discurso, que interpreta a sociedade e, conseqüentemente, que vai se instaurando na cultura via língua.**

Primeiramente, devemos lembrar de que o caráter primordial da língua é significar e destacar que isso é de sua própria natureza. É essa função que a torna o instrumento mais eficaz dentre aqueles dos quais o homem dispõe para viver. Entrando mais a fundo na noção de significação, inevitavelmente devemos discutir o conceito de *sentido*, visto que, nas palavras de Benveniste, “significar é ter um sentido, nada mais” (1974/2006, p. 227).¹⁹ Mas quem determina ou que tem ou não sentido em uma língua? Só pode ser o falante dessa língua, e essa discriminação lhe é inculcada por outros falantes, no processo de sua aquisição de linguagem. A discriminação do que tem sentido e do que não tem, por sua vez, só acontece porque aqueles falantes usam certos signos e não outros. No português, por exemplo, “árvore” tem significado; “álvore” não tem. O que determina o que tem sentido e o que não tem, portanto, é o *uso da língua*.

Novamente bate a nossa porta a noção de que a língua tem dois domínios: o semiótico e o semântico. Ora, para compreendermos o uso de

¹⁹ É importante destacar aqui que tratamos nessa discussão do modo semiótico, anteriormente discutido, visto que se trata do signo que é reconhecido ou não pelo falante.

uma palavra, devemos inevitavelmente reconhecer seu significado (signo - modo semiótico), mas só iremos aprender seu significado pelo uso (já como palavra, pois em instância de discurso - modo semântico). Mas o que nos termos dessa discussão nos perturba é exatamente isto: o uso determina o que tem sentido e o que não tem, mas *o que delimita, precisamente, o uso*, o signo que pode ou não ser usado e em que circunstâncias? Convém lembrar o leitor dos usos inusitados que o pequeno João fazia das frases “estou cansado” ou “estou com dor de cabeça”. O que exatamente despertava em seus interlocutores a sensação de que o uso que fazia dessas formas era inadequado? Há que se pensar em contexto, aqui, mas devemos ir mais além, visto que há muito ainda por trás da noção de instância de discurso.

Em primeiro lugar, tenhamos em mente que a língua é um consenso. Pode-se, a rigor, inventar uma língua, mas ela não existirá a menos que possa ser manejada por dois nativos, e daí se tornar consensual. Esse consenso só se dá na medida em que a criança adquire sua língua. Nas palavras de Benveniste

A criança nasce em uma comunidade lingüística, ela aprende sua língua, processo que parece instintivo, tão natural quanto o crescimento físico dos seres ou dos vegetais, mas o que ela aprende, na verdade, não é o exercício de uma faculdade “natural”, é o mundo do homem. A apropriação da linguagem pelo homem é a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela traduz, a apropriação da língua por todas as conquistas intelectuais que o manejo da língua permite. É algo de fundamental: o processo dinâmico da língua, que permite inventar novos conceitos e por conseguinte refazer a língua, sobre ela mesma de algum modo. Muito bem! Tudo isso é o domínio do “sentido”. (BENVENISTE, 1974/2006, p. 20)

E assim o autor desencadeia, novamente, os dois modos de significância da língua

Em francês *ril* não significa nada, não é significante, enquanto que *rôle* é. Eis o nível semiótico, é um ponto de vista muito diferente do de *distinguir le rôle* [o papel] da ciência no mundo, *le rôle* [o papel] de tal ator. Aqui é o nível semântico: neste caso, é preciso compreender e distinguir. É neste nível que se manifestam os 80 sentidos do verbo *faire* [fazer] ou do verbo *prendre* [tomar]. Estas são acepções semânticas. Trata-se, pois, de duas dimensões totalmente diferentes. E se não se começa por reconhecer esta

distinção, creio que se fica na vaguidade. (BENVENISTE, 1974/2006, p. 22)

O autor completa seu raciocínio afirmando que o corpo de definições neste imenso domínio terá que ser elaborado aos poucos, deixando claro, entretanto, que ele não compreende somente a língua, que **“a cultura também é um sistema que distingue o que tem sentido e o que não tem”** (BENVENISTE, 1974/2006, p. 22) (grifo nosso). E talvez essa afirmação seja a mais evidente prova de que a cultura está implicada no processo de aquisição. E agora sim voltemos às frases “estou cansado” ou “estou com dor de cabeça”, proferidas por João, lembrando-nos dos contextos em que eram proferidas. Arrisquemos o seguinte: por distinguir o que tem sentido e o que não tem, a cultura apresenta-se envolvida essencialmente no domínio semântico. E tomemos a definição que Benveniste faz de cultura para fundamentar nossa reflexão:

Chamo cultura ao *meio humano*, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo. A cultura é inerente à sociedade dos homens, qualquer que seja o nível de civilização. Consiste numa multidão de noções e de prescrições, e também em *interdições* específicas; o que uma cultura proíbe a caracteriza ao menos tanto quanto aquilo que prescreve. (BENVENISTE, 1966/2005, p. 31,32)

O problema de João é, e já havíamos ensaiado essa conclusão, um problema semântico, e, portanto, cultural, e é precisamente porque a cultura em que está imerso interdita os usos que faz de “estou cansado” e “estou com dor de cabeça” que seus usos constituem-se em uma necessária condição de “jogar” com a língua. “Estou cansado” e “estou com dor de cabeça” têm sentido na medida em que reconhecidas e produzidas pelos falantes da língua em questão, mas não fazem sentido nas situações em que foram enunciadas (ou, como dissemos, significam simplesmente “não estou a fim de te dar oi”). É a dupla apreensão de sentido de que Flores (2011, p. 51) fala em *O Lugar Metodológico da Análise da Enunciação em Relação aos Níveis da Análise Linguística*: elas *tem sentido*, mas *qual é o sentido* dessas enunciações? O interlocutor de João, na medida em que estranha o uso que a criança faz das frases citadas, não compreende seu discurso nos limites do sentido que vincula

esse discurso à cultura, por isso procura ajustar o sentido à situação de enunciação.

Tomemos emprestado de Silva (2009b) um curioso dado²⁰ de Franciele (que, na época, tinha pouco mais de 1 ano e 8 meses de idade). De acordo com a autora, Franciele costumava usar a expressão de xingamento “droga” sempre que algo dava errado em suas brincadeiras, comportamento que costumava ser repreendido por sua mãe. Certo dia, ela estava brincando e algo deu errado em sua brincadeira...

FRA: ó...

MÃE: Franciele [!]

*com: a mãe repreende

FRA: doguinha (= droguinha)

Vemos nesse recorte enunciativo que os valores culturais transparecem na atitude da mãe de Franciele, que via língua repreende a filha. A criança molda seu discurso em resposta à repreensão de sua mãe. É o outro mostrando à criança o que é aceitável ou não. Franciele, por sua vez, num processo inconsciente, já associando o diminutivo à ideia de eufemismo, soltou um “doguinha”, crente de que seria “menos pior”. E se ainda parece ao leitor que a cultura não é fundamental, continuemos nossa reflexão.

Há ainda outra questão fundamental suscitada por essas constatações: por distinguir o que tem sentido e o que não tem, **a cultura apresenta uma essência inteiramente simbólica**: “todo o mecanismo da cultura é um mecanismo de caráter simbólico. Damos sentido a certos gestos, não damos nenhum sentido a outros, no interior de nossa cultura” (Benveniste, 1966/2005, p.25). O viés cultural de que trata Benveniste deriva de um sistema de valores:

²⁰ Resolvemos manter as marcas de transcrição originais:

*com: indica comentário do transcritor.

[!]: indica ênfase.

...: indica enunciado interrompido.

[...] para nós a cor branca é a cor da luz, da alegria, da juventude. Na China, é a cor do luto. Eis um exemplo de interpretação de sentido no seio da cultura; uma articulação entre uma certa cor e um certo comportamento e, finalmente, um valor inerente à vida social.

Esses valores estão impressos na língua, e com e por meio da própria língua, no seio da sociedade, são herdados pela criança:

E se digo que o homem não nasce na natureza, mas na cultura, é que toda criança e em todas as épocas, na pré-história a mais recuada como hoje, aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura. Nenhuma língua é separável de uma função cultural. [...] A linguagem tem sempre sido inculcada nas crianças pequenas, e sempre em relação ao que se tem chamado as realidades que são realidades definidas como elementos de cultura, necessariamente. (BENVENISTE, 1974/2006, p. 23/24)

Embora Benveniste não faça uma distinção clara entre sociedade e cultura, podemos entender de alguns de seus textos, como *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, que a cultura é um sistema inerente à sociedade, a denominando, inclusive, “expressão privilegiada da sociedade” (1974/2006, p. 94). Dessa forma, não consideramos a distinção entre esses dois sistemas fundamental em nosso trabalho, visto que estão inter-relacionados, e quando se fala em inserção da criança na sociedade, fala-se inevitavelmente de sua inserção em um sistema de valores (culturais).

Para entender por que Benveniste afirma que vemos sempre a linguagem no seio da sociedade, no seio de uma cultura, basta lançarmos um olhar mais atento as mais ordinárias falas de uma criança em aquisição.

Num dias desses, totalmente descontente com o sol que iluminava a cidade (pois ama “chuva, raios e trovões”), João decidiu passar o dia inteiro jogando no celular de seu pai, até que a bateria acabasse. Não tendo então alternativa, pediu que sua avó lhe emprestasse seu celular. Pegando-o com suas diminutas mãos, começou a tocar a tela com o indicador da esquerda para direita, repetidamente. Estranhando a inércia do dispositivo, fixou bem seus instigantes olhos no pai e disse: “tá istagadu, papai”. E aí estão os rudimentos de uma cultura aos quais

Benveniste faz menção. João cresce em uma cultura em que dispositivos de mão estão disseminados. São aparelhos celulares, *tablets*, *ipods*, etc., altamente interativos, dispondo de aplicativos que distraem inclusive gente grande. Imaginemos o quão mágicas são essas pequenas tecnologias para as crianças. E uma característica que para nós teve de ser assimilada, mas que muitas crianças de quase 4 anos é a única com a qual tiveram contato: tratam-se de dispositivos com telas sensíveis ao toque. Os poucos celulares que não dispõem dessa funcionalidade estão tornando-se obsoletos, e a fala de João leva-nos a essa conclusão.

Vale lembrar agora de como fui, quando criança, assimilando a minha realidade pela linguagem. Pela língua assimilei os valores culturais de minha sociedade, os perpetuei, confrontando-os com os valores semeados em minha casa, e, também pela língua, perpetuei aqueles valores, questionando minha própria realidade e, por consequência, transformando-a. Guardadas as devidas proporções, podemos pensar que o contato com a realidade do outro, nesse caso por meio de um dispositivo de mão, trouxe a João outra realidade, de modo que seu estranhamento adveio de um confronto que fez entre seus valores culturais e os do outro, estes representados pelo dispositivo obsoleto:

Exatamente, e o que a criança adquire, aprendendo, como se diz, a falar, é o mundo no qual vive na realidade, que a linguagem lhe dá e sobre o qual ela aprende a agir. [...] Empregando a palavra, ela age, pois, sobre o mundo e se dá conta obscuramente muito cedo. É o poder de ação, de transformação, de adaptação, que é a chave da relação humana entre a língua e a cultura, uma relação de integração necessária. (BENVENISTE, 1974/2006, p. 24)

Devemos trazer agora alguns recortes enunciativos que ilustrem essa relação de integração necessária de que nos fala Benveniste.

Trago em primeiro lugar recorte enunciativo²¹ protagonizado por Francisca, sujeito da pesquisa que Carmem Luci da Costa Silva realizou

²¹ Resolvemos manter as marcas de transcrição originais:

Com: indica comentários da situação de enunciação ou interpretações para os dizeres da criança.

@: indica pausa curta.

Sublinhado: indica tom descendente.

[=]: indica pausas não verbais e breves explicações.

em forma de sua tese de doutorado - que posteriormente tomou a forma do livro *A Criança na Linguagem: enunciação e aquisição*. Neste recorte, Francisca (FRA) está em sua casa conversando com a tia (CAR).

Com: FRA está com a bolsa de CAR na mão.

FRA: mas agóia eu vô pra Baxa quandu eu pegá éia ei ago a tua bolsa cuintigu

CAR: tu vai dexá a minha bolsa cumigu né?

FRA: é

CAR: eu pricisu da minha bolsa

FRA: mais mais

CAR: pra ir trabalhá

FRA: mais depois eu eu isqueci a tua bolsa e eu vô lá depois eu vô pede a tua bolsa lá na Baxa

CAR: ãh! Não @ não minha bolsa não pódi ir lá pra Baxa

FRA: pu quê?

CAR: puque ela só gosta de ir lá pra minha casa a minha bolsa me dissi issu hoje

FRA: é?

CAR: é

FRA: e ela fala?

CAR: fala [= risos]

FRA: ãh?

CAR: só cumigu ela fala

FRA: pu quê?

CAR: [= risos] purqui ela fala

FRA: e ela ondi ela fala?

CAR: ãh? [= risos]

FRA: ondi péta o botãozinhu?

CAR: ah ondi qui aperta o botãozinhu?

FRA: é

CAR: pur que qui tu acha qui tem um botãozinhu?

/: indica interrupção brusca de alguma palavra ou frase.

FRA: a tua bolsa não tem botãozinho?

CAR: não

FRA: pur quê?

CAR: purqui não

FRA: ela qué ir no meu cólu

CAR: qué? [= risos]

FRA: tá e eu sô gandi pá dá @ um cólu dela

CAR: tu já é grandí?

FRA: já

CAR: será?

FRA: selá

CAR: tu é baixinha, pequenininha

FRA: eu sô tá a Dóia não é gandi ela é pequenininha e eu sô gandi
(...)

FRA: dexa um poquinho tá [levantando-se e deixando a bolsa no piso da
área] @ [= risos] a tua bosa a tua bosa falava qué ir no meu cólu

CAR: a minha bolsa qué ir no teu cólu?

FRA: uh

CAR: ela te disse isso?

FRA: ãh hã

CAR: comu é qui eu não ovi?

FRA: não oviu a minha bolsa?

CAR: não

FRA: e ela gritandu assim AI [= grita]

CAR: [= risos]

FRA: assim na tua casa

CAR: é? @ Mas eu tô surda intão

FRA: e aí depois e depois quilia no meu cólu e quilia ir pa tua casa e
quilia ficá na tua casa [= risos]

CAR: ãh! Qui bolsa danada @ quiria ficá lá em casa?

FRA: é, a minha bolsa

CAR: ah, eu achu qui ela quiria cunversá cum a minha bolsa intão

FRA: ah mais a tua bolsa também qué cólu ela a tua bolsa diz assim pa tu/ pa minha: tu qué ir pa minha casa bolsa? A tua bolsa dizia assim quando tava aqui na minha casa

Dessa interlocução, podemos depreender que Francisca supõe que tudo o que fala e não é humano deve ter um botão, que, ao ser apertado, fará o objeto emitir um som, nesse caso imitando a voz humana. Certa disso, questiona sua interlocutora, após esta dizer que sua bolsa fala, perguntando onde está o botão. Num primeiro momento questiona, num segundo momento assimila, também dizendo que sua bolsa fala. Eis Benveniste para nos explicar melhor esse processo:

Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. É definitivamente o símbolo o que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura. (Benveniste, 1966/2005, 32)

E do que se trata a cultura, mesmo, se não de um fenômeno simbólico? É, nas palavras de Benveniste (1966/2005, p. 32)

um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade, o que é senão um universo de símbolos integrados numa estrutura específica e que a linguagem manifesta e transmite? (BENVENISTE, 1966/2005, p. 32)

Devemos ainda nos lembrar da importância do outro nesse processo de imersão da criança na cultura via língua, e fizemos questão de destacá-la desde o início deste texto. Para entender a relação de integração necessária - de que nos fala Benveniste - entre língua e cultura, é inevitável nos voltarmos ao papel do outro nesse processo - no caso da aquisição, dos pais ou outros interlocutores próximos, quem quer que seja que inculque na criança o uso da palavra. É fundamental, para isso, que tenhamos em mente os conceitos de subjetividade e intersubjetividades discutidos no início deste trabalho. E quem pode nos falar melhor sobre isso é Silva (2009a):

[...] em Benveniste, a língua é sempre *mediação*, seja homem/sociedade, seja homem/cultura, seja homem/homem, uma vez que enfatiza serem as *relações intersubjetivas* a condição para a comunicação. Nesse caso, parece estarmos diante de uma instância cultural, visto a intersubjetividade estar centrada na condição humana de homem como ser falante na cultura. (SILVA, 2009a, p. 159/160)

Deslocando essa reflexão para a aquisição da linguagem, diz que é nessa relação homem-homem que a criança ocupa uma posição intersubjetiva com o outro, representado pelo adulto (2009a). A criança, portanto, constitui-se como sujeito em relação ao outro, e por essa relação imerge na cultura:

Culturalmente, há um “outro” que produz as referências para o sujeito da aquisição da linguagem e, nos primeiros encontros com esse outro, geralmente a mãe, já vislumbramos um jogo de *intersubjetividade* constitutivo da língua em ação, ou seja, constitutivo da *linguagem*. Esse outro representa para a criança o lugar da língua enquanto instituição social, permitindo-lhe o acesso ao simbólico [...] aqui estamos diante de um *sujeito de aquisição da linguagem* que é constituído e, ao mesmo tempo, constitui uma relação humana com a cultura. (SILVA, 2009a, p. 164)

A autora abre o caminho, dessa forma, para pensarmos em um *sujeito cultural*, como chama, que se instaura em uma relação de diálogo com o outro:

De fato, desde o primeiro momento, a mãe fala ao bebê no sentido de encontrar um sujeito da alocação, já que, nos gestos e nos primeiros balbucios, toma a produção da criança como um dizer. Nesse lugar, começam a se estabelecer as diferenças de sentido e, conseqüentemente, a semantização da língua presente na aquisição da linguagem. Através desse outro da alocação, o sujeito da aquisição da linguagem percorre uma trajetória para encontrar a língua, enquanto laço social. (SILVA, 2009a, p. 165)

Embora linguisticamente irrepresentável, como aponta a autora, a instância cultural é constitutiva da relação de *eu* e de *tu* com a língua, pois “nenhuma língua é separável de uma função cultural” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 24), e a própria operação de semiotização, intrínseca – como destacamos anteriormente – ao processo de aquisição, atesta isso. É por isso que podemos pensar a sociedade e cultura no domínio semântico, como dissemos no final do segundo capítulo deste trabalho.

Alguns recortes enunciativos que Silva (*op.cit.*) apresenta em seu livro ilustram muito bem como os valores culturais estão implicados no processo de aquisição da linguagem. Tomemos alguns trechos²² para encerrar nossa reflexão.

Com: FRA e CAR conversam sobre presentes de Natal.

CAR: hum! O que qui o Papai ÉI troxi?

FRA: pesenti

CAR: presenti? O que qui ele troxi?

FRA: pesenti [= apontando a porta]

CAR: ah aquilu ali o que qui ele troxi pra Queca?

FRA: troxi presenti a mim

CAR: o que qui ele troxi pra ti?

FRA: pesenti

CAR: boneca?

FRA: é

CAR: ropinha?

FRA: é

CAR: que mais?

FRA: e [= pensando]

CAR: mesinha com panelinha

FRA: elinha, mesinha

CAR: hum

Desse trecho, surgem algumas questões bem interessantes para o que queremos mostrar. Vemos uma tradição (comemorar o Natal), relacionada a uma religião (cristã), e um pressuposto: devemos trocar presentes nessa data. E, por tratar-se de uma criança, emerge uma fantasia comum vinculada ao Natal: o Papai Noel. Quem traz os presentes

²² Com: indica comentários da situação de enunciação ou interpretações para os dizeres da criança.

@: indica pausa curta.

@@@: indica pausa longa.

Sublinhado: indica tom descendente.

[=]: indica pausas não verbais e breves explicações.

XXX: indica que uma palavra ou frase não foi entendida pelo transcritor.

é o Papai Noel, e é costume estimular isso nas crianças. Prestemos, ainda, atenção aos presentes que CAR menciona: boneca, roupa, mesinhas e panelinha. Exceto a roupa, os outros presentes são em geral vinculados à imagem da menina. É através de suas enunciações que o locutor articula língua e cultura em uma “integração necessária”, conforme palavras de Benveniste (1966/2005; 1974/2006). Isso permite, conforme o autor, situar a língua como um “mecanismo inconsciente”; “um mecanismo de significação”, que revela “a organização mental que resulta da experiência de mundo” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 24).

Segue outro trecho.

Com: FRA está no seu quarto, enrolando uma boneca em uma toalha.

FRA: mãe, ó mãe vô dá banhu nenê [= mostrando a boneca enrolada em uma toalha]

Com: FRA desloca-se e o PAI observa-a.

PAI: vai dá banhu no nenê?

FRA: vai

PAI: então vai dá banhu no nenê

FRA: pai XXX pra quê pai pai paie

Com: silêncio.

MÃE: ela faz exatamente o que fazem com ela [= comentário da mãe para o pai sobre as ações de FRA]

A menina reproduz o comportamento de seus pais, ou de quem lhe dá banho, com a boneca. É o papel materno evidente nas atitudes da criança, cuidando de sua boneca assim como fazem com ela. Sua mãe percebe isso, o que atesta em sua fala. Desde tão cedo (Francisca tinha cerca de 2 anos na época do dado) a criança já vai assimilando e reproduzindo costumes que seus pais lhe inculcam via língua. E chamemos a atenção para um detalhe interessante: segundo a mãe, Francisca faz “exatamente” o que fazem com ela. Podemos nos perguntar: por que ela não tenta inovar? Por que tenta reproduzir com a boneca “exatamente” aquilo que fazem com ela? Emerge aqui novamente a

importância do outro no processo de aquisição da língua/cultura: “Pela cultura”, diz Benveniste, “o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma”, e podemos ver claramente esse processo no discurso de Francisca. De fato, a língua é “inculcada” na criança sempre em relação à realidade cultural: “a hierarquia, a ação recíproca desses valores, e conseqüentemente, os modelos que são propostos, os objetos desejados, tudo isso se desloca no interior de nossa cultura.” (BENVENISTE, 1966/2005, p. 25, 26).

No trecho a seguir, Francisca afirma que quer ir para a escola com seu irmão, mostrando que quer fazer parte dessa rotina, num processo natural de inclusão nos costumes do dia a dia. Mais uma vez, transparece em seu discurso que, tendo assimilado a cultura, quer, agora, perpetuá-la.

Com: FRA conversa com CAR na frente de sua casa.

FRA: pôssu @@@ eu vô bóia

CAR: tu vai imbora?

FRA: eu vô

CAR: pra ondi?

FRA: eu vô queiégio Bebetu

CAR: ãh?

FRA: eu vô queiégio Bebetu

CAR: vai no colégio com Bebetu?

FRA: eu vô queiégio Bebetu eu vô queiégio Bebetu

CAR: [= risos]

FRA: [= risos] @@@ ti ti ti

A partir de nossas reflexões e análises, vemos claramente a importância da cultura na apreensão de *qual é o sentido* do discurso, compreensão que, como vimos, vincula o discurso à cultura. Mas talvez seja interessante, embora arriscado, irmos um pouco mais além, supondo que, de fato, a cultura também está implicada quando afirmamos que um elemento *tem sentido*, caracterizando-se, portanto, como *transversal à língua*, afinal, como já dissemos, “a cultura também é um sistema que

distingue o que *tem sentido* e o que não tem” (BENVENISTE, 1974/2006, p. 22) (grifo nosso). Isso pode parecer evidente, já que dissemos anteriormente que a segunda noção de sentido pressupõe a primeira. Mas para que possamos compreender isso melhor, voltemos à reflexão de Flores (2011). Em *O Lugar Metodológico da Análise da Enunciação em Relação aos Níveis da Análise Linguística*, Flores afirma, com a seguinte argumentação, que a Enunciação é transversal à língua:

O estudo da Enunciação não se limita, então a certos mecanismos da língua, mas compreende a língua na sua totalidade. E, nesse ponto, seguimos de perto as ideias de Benveniste: se o *aparelho formal da enunciação* é constitutivo da língua, então todo e qualquer fenômeno linguístico carrega em si a potencialidade de um estudo em termos de Enunciação. Qualquer fenômeno linguístico de qualquer *nível* (sintático, morfológico, fonológico, etc.) pode ser abordado desde o ponto de vista da Enunciação. (FLORES, 2011, p. 52)

E assim institui a *transversalidade enunciativa*, “diferença que há entre pensar a língua como uma organização cujos níveis se apresentam como “camadas” sobrepostas e pensá-la como um todo que é atravessado pelas marcas da enunciação” (FLORES, 2011, p. 52). Pois bem, deslocando o termo “transversalidade” para o contexto de nosso estudo, pensamos que, assim como a Enunciação, também **a cultura é transversal à língua**, está em todos seus níveis de análise da língua, visto que está implicada em ambas as noções de sentido de que tratamos. Silva (2009a), ao trazer para a estrutura enunciativa o elemento cultural, que simboliza como ELE, chama a atenção para o fato de que esse elemento cultural, como constitutivo da estrutura enunciativa *eu-tu-ele*, é transversal aos mecanismos que descreve e aos recortes enunciativos de aquisição de linguagem que ilustra.

De modo análogo, reiteramos essa constatação. Isso porque a cultura é constitutiva da enunciação, já que o locutor, por meio do processo de semantização (conversão do sentido em formas), estabelece relações de interpretância sobre a cultura. É o que o esboço de nossas análises dos fatos enunciativos de aquisição da linguagem procurou demonstrar.

*

* *

Esperamos que tenhamos ilustrado com sucesso um pouco de como a criança mostra, em seu discurso, que interpreta a sociedade e, conseqüentemente, que vai se instaurando na cultura via língua, bem como a complexidade desse processo. Entendemos, no entanto, que não fizemos mais do que realmente ensaiar algumas reflexões que nos instigam ainda mais a olhar atentamente o processo de aquisição, buscando entender o que realmente está envolvido nesse processo.

“Não é a língua que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como língua”, nos diz Benveniste no texto *Saussure após meio século*, após nos falar sobre a importância do conhecimento herdado do mestre genebrino. E acentuando o alcance do princípio do signo instaurado como unidade da língua, o linguista afirma que “[...] o caráter natural da língua, de ser composta de signos, poderia ser comum ao conjunto de fenômenos sociais que constituem a cultura” (BENVENISTE, 1966/2005, p. 47). E tentamos, neste texto, mostrar que a cultura, por ter uma essência simbólica, também determina o que tem sentido e o que não tem, e os recortes enunciativos que apresentamos ilustram isso.

Encerramos aqui nossa reflexão, esperançosos de que este pequeno ensaio poderá servir como incentivo àqueles que desejam estudar mais a fundo o processo de instauração da criança na cultura via língua e cientes de que, como acreditava Benveniste, nenhuma ciência do homem escapará à reflexão sobre seu lugar no seio de uma ciência geral da cultura, visto que o homem não nasce dentro da natureza, mas dentro da cultura (1966/2005).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

BENVENISTE, Émile. (1974) *A forma e o sentido na linguagem*. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral II**. 5.^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento. *O Lugar Metodológico da Análise da Enunciação em Relação aos Níveis da Análise Linguística*. In: Battisti, Elisa; Collischonn, Gisela (org.) **Língua e Linguagem**: perspectivas de investigação. Pelotas: EDUCAT, 2011.

_____. (1966) *A natureza dos pronomes*. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral I**. 5.^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. (1966) *Da subjetividade na linguagem*. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral I**. 5.^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. **Dernières Leçons**. Paris: Seuil/ Gallimard, 2012.

_____. (1974) *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral II**. 5.^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

_____. (1966) *Estrutura das relações de pessoa no verbo*. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral I**. 5.^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. (1974) *Estruturalismo e lingüística*. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral II**. 5.^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

_____. (1974) *O aparelho formal da enunciação*. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral II**. 5.^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

_____. (1966) *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral I**. 5.^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. (1966) *Os níveis da análise lingüística*. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral I**. 5.^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. (1966) *Saussure após meio século*. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral I**. 5.^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. (1974) *Semiologia da língua*. In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. 5.^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

_____. (1966) *Tendências recentes em lingüística geral*. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. 5.^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. (1966) *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. 5.^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

ORTEGA Y GASSET, J. **Meditações do Quixote**. São Paulo: Iberoamericana, 1967.

SAUSSURE, Ferdinand. (1916) **Curso de Linguística Geral**. Organizado por C. Bally e A. Sechehaye, com a colaboração de A. Riedlinger. 28.^a ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Carmem Luci da Costa. (2009a) **A criança na linguagem: enunciação e aquisição**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa. (2009b) *A criança na estrutura enunciativa*. **Revista Organon**, Porto Alegre, v. 23, n. 46, p. 27-45, 2009.